

## Apresentação

# Interculturalismo e cidadania: o espaço lusófono



Considerando Lusofonia o conjunto de identidades culturais existentes em países, regiões, estados ou cidades falantes da língua portuguesa e por diversas pessoas e comunidades em todo o mundo, o presente número de *Letras de Hoje* dedica-se ao estudo das Literaturas Lusófonas. Os autores dos diferentes ensaios pretendem aprofundar questões que sugerem a convergência de diferentes concepções de história, da literatura e da identidade, realizadas através da memória, examinando-as criticamente. Não se pode deixar de pontuar o longo processo histórico cuja consequência, na atualidade, é a construção de uma identidade cultural partilhada por oito países, unidos por um passado vivido em comum e por uma língua que, enriquecida na sua diversidade, se reconhece como uma. Esses países – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste –, com os respectivos núcleos de emigrantes, fazem do idioma português uma das línguas mais faladas do mundo, constituindo uma comunidade de cerca de duzentos milhões de pessoas.

Os tópicos temáticos desenvolvidos nos diferentes artigos centram-se, principalmente, nas questões referentes à História e à cultura, já que, na atualidade, proliferam obras em prosa e verso, que tratam diretamente de episódios e personagens históricos ou, ainda, que denunciam e criticam fatos, pessoas que viveram determinados períodos da História. Por consequência, nessas obras, fica explícita a relação entre história e ficção e só por isso elas já podem ser consideradas híbridas. Além disso, a relação entre história e ficção no processo literário lusófono, presente desde *Camões* e *Os Lusíadas*, não se restringe ao âmbito do romance histórico propriamente dito. Na verdade história e ficção têm trajetória comum, ainda que Aristóteles, em sua *Poética*, separasse o historiador do poeta, ao afirmar que o primeiro, o historiador, trataria daquilo que realmente aconteceu e o segundo, o poeta, do que poderia acontecer. Estabelece, desse modo, o filósofo a distinção entre verdade e verossimilhança, idéia que prevalece até o positivismo no século XIX, quando, então, se reduz o caráter épico, mítico e dramático da história, atribuindo-lhe caráter científico.

No século XX, os historiadores “postulam que a explicação e a interpretação, atividades inerentes à História, predominam sobre o mero relato de fatos”,<sup>1</sup> daí a

subjetividade que se processa também no fazer histórico o qual, apesar de ser “objetivo” depende da perspectiva e da visão do historiador para seleção de documentos e fontes e determinação do método e da estrutura da narrativa. Considerando isso, os limites entre história e literatura atenuam-se e chegam a desaparecer.

De fato, tanto na história quanto na ficção o que importa é a representação do mundo e de suas relações sociais através de certo grau de credibilidade, não interessa se é verdade ou mentira e, desse modo, literatura e História seguem o mesmo caminho, retomadas, reavivadas pela memória. Através dessas relações, os autores criam uma obra que revela a identidade cultural de seu país. No passado, salientaram-se grandes vultos do diálogo intercultural como o Padre António Vieira, da aventura entre povos estranhos como Fernão Mendes Pinto, da exploração do espaço desconhecido como Gil Eanes, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Serpa Pinto. Hoje em dia, entre os países lusófonos mantêm-se relações privilegiadas – na cooperação política e econômica, na educação e nas artes – e os grandes criadores da lusofonia não são apenas personalidades portuguesas mas também um Pepetela, um José Craveirinha, um Mia Couto, um Jorge Amado, um Luís Cardoso ou um Luandino Vieira.

Para escrever a lusofonia, reunimos aqui Eça de Queirós e Fernando Pessoa, João de Mello e Helder Macedo, Orlanda Amarilis e Ruy Duarte de Carvalho, Mário Carvalho e Pepetela, Abelaira e José Luís Peixoto, entre outros, mostrando que a literatura, por essência, representação simbólica da realidade também reintervém na realidade. Os colaboradores, críticos estrangeiros e brasileiros, seguindo essa concepção de literatura acreditam ser lícito afirmar que “em se transformando o mundo, transforma-se também a literatura que, por sua vez, quer modificar o mundo que representa”.<sup>2</sup>

**Maria Luíza Ritzel Remédios**

Doutora em Letras. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras. Coordenadora do Núcleo sobre Literaturas Lusófonas, FALE/PUCRS, Porto Alegre/RS, Brasil.

### Notas

<sup>1</sup> CARLOS, Ana Maria e ESTEVES, Antonio R. (Org.). *Ficção e história: leituras de romances contemporâneos*. Assis: UNESP, 2007. p. 12.

<sup>2</sup> TUTIKIAN, Jane. Por uma *Pasárgada* caboverdeana.